



THOR, SUAS REFERÊNCIAS HISTÓRICAS E SUA DINÂMICA REPRESENTACIONAL: DO DEUS DO TROVÃO DA MITOLOGIA NÓRDICA AO PERSONAGEM DA MARVEL

ARISTOTLE AND HIS SCHOOL FOR VIRTUES: EDUCATION, TOLERANCE AND REPRESENTATION OF ARISTOTLELIC ETHICS IN SUPERADVENTURE COMICS

MARLON ÂNGELO MALTAURO

Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (FACEL) e em História: culturas, memórias e patrimônio (UNESPAR). Graduado em História (UNESPAR) e em Sociologia (UNINTER). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE) (<https://groups.google.com/group/scandia>). Professor da Universidade do Contestado (UNC).

RESUMO

A indústria cultural resgata frequentemente elementos antigos, reinterpretando-os para o público atual, como ocorre com a figura de Thor, o deus do trovão da mitologia germânica. Este artigo, à luz do método representológico, analisa a trajetória do deus desde suas origens entre os antigos germanos até suas representações contemporâneas, principalmente nos quadrinhos e no cinema. Na Era Viking, Thor era uma divindade central, amplamente venerada por seu caráter protetor e guerreiro. Com a chegada do cristianismo, seu culto resistiu, e ele permaneceu presente no imaginário popular. No século XIX, o Romantismo trouxe uma nova onda de representações mitológicas, que transformaram sua imagem. Nas HQs da Marvel, Thor é reimaginado como um super-herói moderno, perdendo algumas de suas características originais e adquirindo novas, alinhadas com a estética e os valores da cultura contemporânea. A pesquisa, numa perspectiva da representologia dinâmica, destaca como o mito de Thor foi representado ao longo do tempo, mantendo sua relevância cultural, mas também distanciando-se de suas raízes originais.

Palavras-chave: Thor; Mitologia Germânica; Cultura Popular; Personagem; Representação.

ABSTRACT

The cultural industry frequently revives ancient elements, reinterpreting them for modern audiences, as seen with the figure of Thor, the god of thunder from Germanic mythology. This article, based on the representological method, analyzes the trajectory of the god from his origins among ancient Germanic peoples to his contemporary representations, primarily in comics and cinema. During the Viking Age, Thor was a central deity, widely revered for his protective and warrior-like qualities. With the arrival of Christianity, his cult endured, and he remained present in popular imagination. In the 19th century, Romanticism brought a new wave of mythological representations, transforming his image. In Marvel Comics, Thor is reimagined as a modern superhero, losing some of his original traits while adopting new ones, aligned with contemporary cultural aesthetics and values. This research, through the lens of dynamic representology, highlights how the myth of Thor has been represented over time, maintaining its cultural relevance but also moving away from its original roots.

Keywords: Thor; Germanic Mythology; Popular Culture; Character; Representation

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 O DEUS DO TROVÃO DOS GERMANOS; 2 THOR NA MITOLOGIA VIKING; 3 INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES ROMÂNTICAS NA IMAGEM CONTEMPORÂNEA DE THOR; 4 THOR, O HERÓI DOS QUADRINHOS; 5 MÚSICAS AO DEUS DO TROVÃO; 6 THOR NA TV E NO CINEMA; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A indústria cultural está sempre resgatando elementos antigos, reinterpretando-os e dando uma nova roupagem a vários mitos do passado. Na atualidade, muitos dos heróis do mundo antigo e medieval têm surgido na mídia e feito enorme sucesso perante o público. Dentre as muitas histórias, talvez a mais famosa seja a de Thor, o deus do trovão da mitologia germânica. A mitologia nórdica sem dúvida é uma das mais ricas da história; dentre todos os deuses de sua cosmologia o que notadamente mais se destaca é Thor, o deus do trovão.

Mesmo depois de praticamente mil anos após o fim da Era Viking, ele continua a ser reverenciado pelos meios de comunicação, ocupando ainda hodiernamente o imaginário popular em um movimento que pode ser observado à luz de uma representologia externa – já que expressa através de uma mídia (em sentido amplo) e conhecida por meio dos sentidos (Lopes, 2024) – e dinâmica, que é o nível de análise que destaca o dinamismo das representações, onde uma impulsiona a outra, influenciando os núcleos associativos¹. Esse nível se concentra em investigar o fluxo das representações (Lopes, 2024).

O escopo desta pesquisa é analisar a trajetória do deus do trovão desde os antigos germanos até os dias atuais, onde ele continua em evidência nas mais diversas produções artísticas, sobretudo nos quadrinhos, verificando, assim, as suas representações culturais e transformações pelo qual a divindade passou dentro de uma perspectiva representológica. Afinal, “Thor é prova da imortalidade da narrativa (mito)” (Silva; Weschenfelder, 2022, p. 40) e, por que não dizer, da representação (em alguns casos).

De acordo com Lopes (2024), a representologia se concentra nas representações como um objeto de estudo em si, afastando a ideia de que elas sejam apenas sinais de outros tipos de fenômenos ou meras ferramentas operacionais (Lopes, 2024, p. 67). Ela procura investigar a constituição de uma determinada representação, bem como o seu comportamento.

As representações do deus nórdico Thor, portanto, ao longo da história, podem ser observadas respeitando-se as regras do método representológico, pois funcionariam como forma

¹ O núcleo associativo, na concepção de Lopes (2024), é o espaço da representação que preserva a ligação entre o referente e a representação. Ele estabelece uma conexão lógica entre os dois, porém é um núcleo instável, que necessita ser constantemente reforçado com informações para se manter estável.



de modelar a ideia do personagem mitológico no decorrer do tempo, gerando comunicação, dentro de uma lógica de comportamentos e trajetórias que interagem, permitindo, por meio de um processo indutivo, compreender-se a sua constituição (Lopes, 2024).

É por meio dessas diretrizes de Lopes (2024) que se buscará estudar Thor e as suas referências históricas, como quer o título deste trabalho, perpassando várias representações do deus do trovão da mitologia nórdica e chegando, por fim, ao personagem da Marvel (um luminoso exemplo de representação externa). Afinal, uma representação nunca é isolada; ela está sempre sustentada e reforçada por outras representações (Lopes, 2023), o que pode ser percebido no caso deste personagem do imaginário escandinavo.

Este artigo está estruturado em quatro seções principais (para além das considerações iniciais e finais) que exploram a dinâmica representacional da figura de Thor ao longo do tempo. A primeira seção, "O Deus do Trovão dos Germanos," aborda as origens de Thor na antiga religião germânica e sua importância para esses povos. Em seguida, "Thor na Mitologia Viking" examina como Thor foi retratado durante a Era Viking, destacando suas características e papel no panteão nórdico. A terceira seção, "Influência das Representações Românticas na Imagem Contemporânea de Thor," discute como o Romantismo reinterpreto a figura de Thor, moldando sua imagem moderna. Por fim, "Thor, o Herói dos Quadrinhos" analisa a transformação de Thor em um super-herói, com foco nas adaptações (representações) feitas pela Marvel Comics e sua influência na cultura popular contemporânea.

1 O DEUS DO TROVÃO DOS GERMANOS

Descrever o papel do deus do trovão e sua função dentro da antiga religião germânica é algo extremamente difícil e complexo para os pesquisadores hodiernos. Os problemas na análise dessa extinta religião devem-se ao fato de que o nome "germanos" é uma qualificação genérica dada aos povos que viviam no norte da Europa. Primeiramente o termo *germano* designa uma série de povos cujos romanos identificaram com traços culturais semelhantes, mas que nem sempre tinham as mesmas características. Outra questão que torna a pesquisa problemática é a falta de fontes escritas por estes povos: tudo que nós sabemos sobre eles deriva praticamente de



fontes romanas. Sendo assim, temos a visão do inimigo, podendo ser uma imagem deturpada sobre este povo.

A fonte mais importante do período é a Germânia, escrita pelo historiador romano Tácito. Este historiador faz uma análise geral sobre os aspectos culturais, trazendo uma importante observação sobre o possível deus do trovão: “(...) houve entre eles um Hércules, a quem cantam como herói sem par quando se dirigem ao combate” (Tácito, cap. II).

Pesquisadores concluíram que Tácito estava falando do deus do trovão cujo nome protogermânico seria *Thunraz* (Dumézil, 2001, p. 107). Para Lamas (1973, p. 60), esta deidade foi adorada por todos os povos germânicos e seu cognato aparece entre as principais tribos germânicas.

A importância do deus foi tamanha que a ele foi dedicado o quinto dia da semana. Ao que parece os germanos adotaram a semana do calendário romano; no entanto, substituíram os nomes dos deuses romanos pelos seus. O nome homólogo da entidade, no *Old English*, seria *Thunor*, que em alto alemão ficaria conhecida como *Donar* e mais tarde na Era Viking levaria o nome de Thor. Todos esses nomes teriam em sua origem protogermânica o significado de trovão; e o quinto dia da semana, reverenciado a ele (cuja origem já foi mencionada), seria *Dagaz Thonares* (Dia de Donar), do qual deriva o designativo inglês moderno *Thursday* (e em alemão *Donnerstag*), que seria o equivalente à nossa quinta-feira (Lamas, 1973, p. 61).

Sobre os aspectos físicos do deus, Dumézil (2001, p. 107) o relaciona com *Indra*, divindade indo-europeia que teria barba vermelha e apetite fabuloso; já Lamas (1973) comenta que os romanos o assimilaram muitas vezes a Júpiter e que a menção a Hércules feita por Tácito seria simplesmente referente ao vigor físico, pois não há qualquer texto que confirme sua assimilação (Dumézil, 2001, p. 107). Infelizmente devido às poucas informações que chegaram a nós, torna-se difícil saber mais sobre esse deus, ao que tudo indica o culto a ele teve enorme importância, sendo oferecidos sacrifícios de animais à divindade para aplacar sua ira: “A Hércules e a Marte fazem, com igual finalidade, sacrifícios de animais permitidos” (Tácito, cap. II)².

² Ao que tudo indica os sacrifícios feitos aos deuses nem sempre tinham por objetivo aplacar a ira, pois também eram feitos como formas de agradecimentos, para pagar promessas feitas ou em celebração de solstícios. Para mais informações sobre o tema ver: LANGER, J. **Deuses, Monstros, Heróis** - ensaios de mitologia e religião viking. Brasília: Unb, 2009.

Para Dumézil (2001, p. 107), *Thunraz* seria uma das divindades que compunham a tríade do panteão germânico, indicando assim sua importância; já Lamas (1973) chega a mencionar que algumas tribos o consideravam como o primeiro e mais poderoso dos deuses (Dumézil, 2001, p. 107).

De qualquer forma, as informações sobre a identidade do deus derivam principalmente das fontes relacionadas à Era Viking³ (do qual veremos a seguir), muito embora o lapso temporal seja um problema para definir com exatidão como a divindade era representada e cultuada, já que a prática religiosa deve ter sofrido muitas alterações no decorrer do período.

2 THOR NA MITOLOGIA VIKING

A mitologia viking é sem dúvida nossa maior fonte de análise para descobrir sobre as características e personalidade de Thor⁴. Embora as fontes escritas sobre a cultura nórdica tenham sido compostas em um período posterior à Era Viking, as poucas fontes de época nos fazem acreditar que as Sagas e Eddas⁵ sofreram pouca interferência do cristianismo, preservando assim sua estrutura original pagã.

Thor se apresenta com uma das figuras mais importantes do panteão escandinavo, na tripartição social elaborada por Dumézil (2003). O autor descreve que enquanto Odin⁶ corresponderia à soberania (primeira função), Thor significaria a força e a guerra, correspondendo

³ O período referente à Era Viking se inicia em 793 d.C., quando ocorreu a primeira incursão ao mosteiro de Lindisfarne (Inglaterra), e termina em aproximadamente em 1066, quando acabam as incursões pela Europa e o povo se mescla culturalmente (Maltauro, 2002, p. 86).

⁴ Para não cairmos no erro de apenas parafrasearmos as fontes, nossa proposta será somente descrever as principais características de Thor. Consequentemente descrevemos alguns de seus feitos. Os leitores interessados em saber mais sobre as histórias do deus podem encontrar material mais aprofundado sobre o assunto nas referências bibliográficas. Não descreveremos também sobre as características do culto ao deus, tema esse já amplamente analisado principalmente por Dumézil em *Los Dioses de los Germanos* e por Davidson em *Deuses e Mitos do Norte da Europa*. Na verdade, há atualmente uma grande gama de autores que se propõe a estudar o assunto.

⁵ Sagas: “História” em Old Iceland. Nome dado às narrativas orais islandesas e escandinavas (Graham-Campbell, 1997, p. 103). “Eddas” é o nome genérico dado a dois manuscritos sobre os antigos deuses e heróis germanos. A chamada “Edda Menor” ou “Edda em Prosa” é um manual de técnicas de poesia escáldica composto pelo poeta Snorri Sturlusson. “Edda Maior” ou “Edda Poética” é um manuscrito de autor desconhecido procedente de um conjunto de antigos manuscritos reunidos que compõe o *Codex Régius* descoberto em 1943 (Lerate, 2000, p. 09;11).

⁶ Odin: o chefe supremo da mitologia germânica, também denominado Wodan, Woden, Wotan. Em Old Norse: fúria. Alemão moderno: Wotan, que originou a palavra Wut: cólera, raiva (Langer, 2003 p. 42;64). Segundo Dumézil, Odhinn seria o deus Mercúrio descrito por Tácito no capítulo IX da Germânia (Dumézil, 2001, p. 50).

à segunda função; a última estaria ligada ao deus Frey⁷, responsável pela fertilidade. Desta tríade dependeria toda a sociedade: “(...) el motivo central de la ideologia indoeuropeia, a concepcion según la que el mundo y la sociedad no pueden vivir si no es por colaboracion armoniosa de las três funciones superpuestas de soberania, fuerza e fecundidad” (Dumézil, 2003, p. 16).

O prólogo da Edda de Sturluson comenta que Thor teria nascido em Tróia e que seus pais seriam reis; ele, porém, teria sido criado na Trácia por um duque chamado Loricus e que aos doze anos já possuía uma força extraordinária. Casou-se com Sif e entre seus descendentes estaria Odin (Sturluson, p. 38-41). No entanto, no Gylfaginning a versão muda dizendo que Odin é o progenitor da estirpe divina. Lima (1993, p. 59) acredita que esta inversão se deve ao fato do prólogo ter sido uma adição cristã posterior à obra de Snorri. Contudo, podemos levantar uma segunda hipótese: a de que Thor, em algum momento protogermânico, tenha sido a divindade mais importante, como é demonstrado por Maria Lamas (1973 p. 60) em sua obra. De qualquer forma, para os vikings era Odin o pai dos deuses da raça dos Ases⁸. Ambas as Eddas descrevem que Thor seria filho de Odin com a terra⁹.

As características físicas de Thor apresentadas na Edda Menor o relatam com barba vermelha, sendo o mais forte de todos os deuses; descreve que seu poder e força são seus principais atributos com os quais ele domina todos os seres vivos (Sturluson, 1993, p. 59). Quanto ao reino em que ele habita¹⁰ existe uma divergência entre a Edda Maior e a Edda Menor: na primeira obra o local é descrito como *Thrudheim* (Edda Maior, p. 77); na outra é *Thrudvangar*¹¹ (Sturluson, 1993, p. 75) e seu castelo se chama *Bilskirmir*¹².

O deus tinha como arma principal um martelo chamado *Mjollnir*¹³, que lhe foi dado de presente por Loki¹⁴ como compensação por ele ter cortado os cabelos de Sif, esposa de Thor.

⁷ Deus da raça dos Vanes. Seria a entidade responsável pela fertilidade, relacionada com o deus Nerthus, identificado por Tácito no capítulo IX da Germânia (Dumézil, 2001. p. 28).

⁸ No panteão viking a estirpe dos deuses era dividida em Ases, descendentes de Odin, deuses de caráter guerreiro, e Vanes, divindades relacionadas à fertilidade (Vera, 1998, p. 13).

⁹ A esposa de Odin seria a deusa Frigg. Os casos de adultério do pai dos deuses abundam nas Sagas e Eddas; dessas relações surgiram inúmeros heróis e os próprios reis vikings diziam descender de Odin.

¹⁰ É para o reino de Thor que vão os camponeses e servos após a morte (Dumézil, 2001. p. 114).

¹¹ Thrudvangar: prado da força (Bernardez, 1998, p. 34).

¹² Bernardez acredita que a palavra signifique “que só é mais quente por alguns instantes” (Bernardez, 1998, p.34.).

¹³ Mjollnir: fragmentador de ossos (Lima, 1993, p. 169).

¹⁴ Deus da raça dos Ases é uma entidade extremamente controversa, cujo alguns momentos ajuda e em outros prejudica os deuses. Eliade o define com trapaceiro, extravagante, às vezes bissexual ou transexual, é brincalhão e muitas vezes mal (Eliade, 2009, p. 155).



Juntamente com os novos cabelos de ouro para a deusa e outros presentes para os demais deuses, o martelo teria sido confeccionado por elfos e embora tivesse o cabo um pouco curto jamais se quebraria ou se perderia, pois retornaria sempre as mãos da divindade; ele também poderia tornar-se tão pequeno que poderia ser guardado em suas roupas (Sturluson, 1993, p. 153). O martelo quando consagrado poderia restaurar a vida de animais e era consagrado também em funerais¹⁵, daí a menção ao deus nas Eddas como Vingthor¹⁶. Thor também possuía um cinturão que, quando afivelado, duplicava sua força; e um par de luvas de ferro das quais o martelo jamais se soltaria (Sturluson, p. 75).

Essas características fazem de Thor o protetor dos deuses e dos homens; é ele o defensor de Asgard¹⁷ contra os trolls¹⁸. Devido a esse caráter protetor muitas vezes seu nome aparece como Asathor¹⁹. O deus do trovão tem um temperamento forte e indomável; quando os deuses se sentem em perigo e o invocam, ele surge em um estado de fúria inigualável, nada o detém e não reconhece nenhuma promessa feita em sua ausência pelas outras divindades (Dumézil, 2003, p. 108).

O deus percorre os mundos em busca de adversários para eliminar; seu principal meio de transporte é uma biga puxada por bodes, de onde deriva o nome *Okuthor*²⁰. Os vikings acreditavam que o som do trovão vinha do barulho feito pelas rodas da biga transportando a deidade; os raios seriam originários do choque do martelo contra os adversários e o relâmpago provinha dos olhos do deus em estado de fúria (Davidson, 2004, p. 72).

Outro aspecto interessante sobre a deidade é seu apetite gigantesco: as Eddas narram sua impressionante capacidade de comer e beber. Em sua visita ao Reno de Thrym, o deus devorou um boi, oito salmões e três taças de hidromel (Edda Maior, p. 132). Outro episódio que mostra seu

¹⁵ Davidson acredita que o martelo era utilizado pela sociedade viking para benção e proteção, sendo consagrado em casamentos, nascimento e em funerais. Conf. (Davidson, 2004, p. 67). Essa suposição deve-se sem dúvida também a grande quantidade de martelos usados como pingente.

¹⁶ Vingthor: Thor o consagrador (Lerate, 2000, p. 136).

¹⁷ Asgard: reduto dos deuses. Na mitologia nórdica existem nove mundos, porém a geografia mitológica não é suficientemente clara para precisar quais seriam estes mundos, os que mais se destacam são Asgard, Midgard (terra do meio) onde vivem os homens e os mundos dos gigantes com Utgard (espaço exterior), Muspelheim (mundo do fogo), Jotunheim (mundo dos ogros) e Nifheim (mundo das trevas) para onde são destinada parte dos mortos (Lerate, 2000, p. 23;34).

¹⁸ Termo genérico para vários personagens míticos, também era a forma mais usual para designar os gigantes (Lima, 1993, p. 75)

¹⁹ Asathor: Thor dos Ases (Bernardez, 1998, p. 22).

²⁰ Okuthor: Thor o condutor do carro (Bernardez, 1998, p. 34).



apetite é a competição ocorrida em Utgard-Loki²¹, onde o deus tenta esvaziar em apenas um trago um corno gigantesco. Na mesma ocasião é feita uma competição de força na qual Thor teria que levantar um gato do chão; depois o deus é desafiado a lutar com uma velha, em todos os desafios a deidade perde. Depois da derrota (e já fora do palácio), é revelado ao deus que no torneio da bebida uma das extremidades do corno alcançava o oceano e que devido aos grandes goles dados por ele ocorreram as baixas das marés; no concurso de força não era um gato que ele levantou e sim a enorme serpente de Midgard (que rodeia o mundo e mesmo assim ele conseguiu erguê-la); sobre o confronto com a velha seria impossível de vencer, pois ela era a própria velhice e ninguém poderia vencê-la. O deus só não se apercebeu destes fatos, pois o reino estava envolto em magia dos gigantes e eles ficaram apavorados ao ver o poder da deidade (Sturluson, p. 109-115). Seu apetite fabuloso combina com sua grande vitalidade e força física (Davidson, 2004, p. 62).

Embora Thor enfrente e destrua inúmeros gigantes, seu maior inimigo é a serpente de Midgard. Dentre os combates mais memoráveis estão a sua pescaria com o gigante Hymir, na qual o deus usa como isca a cabeça de um boi. Quando a entidade consegue fisgar a serpente e a golpeia com seu martelo, o gigante apavorado com a situação corta a linha e o monstro escapa (Sturluson, p. 117). Por fim, Thor irá enfrentá-la no Ragnarok²², onde as forças do caos lutaram contra os deuses. Neste último confronto, a deidade vai matar o monstro, porém a serpente o envenenara com sua peçonha e após nove passos ele cairá morto. Tanto as forças do caos quanto os deuses irão sucumbir neste episódio. Sobreviveram apenas duas pessoas e se iniciara um novo mundo.

²¹ Utgard-Loki: recinto exterior (Bernardez, 1998, p. 60).

²² Ragnarok: destino dos deuses (Bernardez, 1998, p. 38).



Imagem 01: Detalhe em relevo da cruz do século X, encontrada em Gosforth na Inglaterra, fazendo uma alusão a pescaria de Thor e Hymir, infelizmente não podemos discernir qual é o gigante e quem é a divindade embora possivelmente seja a figura da direita, porém na descrição das Eddas quem rema o barco é a deidade.



Fonte: <http://www.odinsvolk.ca/thorshammer.htm>

Imagem 02: Pedra rúnica encontrada em Altuna, Suécia, datada do século X, pode - se observar embaixo à esquerda a imagem de Thor no barco empunhando o martelo e abaixo a serpente de Midgard.



Fonte: <http://www.odinsvolk.ca/thorshammer.htm>



O cronista Adam de Bremem (cap. IV) relata em sua obra um templo pagão em Uppsala, no qual havia uma enorme estátua de Thor. Pesquisadores acreditam que deveria haver mais estátuas do deus, porém foram destruídas com a introdução do cristianismo, restando pouquíssimas imagens da divindade.

Imagem 03: Tapete de Störg do século XI, em alusão ao relato de Bremem, segundo a descrição das estátuas no templo de Upssala: Odhinn à esquerda, Thor portando o martelo ao centro e Frey à direita (Dumézil, 2003, p. 7).



Fonte: <http://pt.encydia.com/es/Thor>

Imagem 04: Estátua de bronze de 7 cm, datado do século IX, encontrada na Islândia, uma das poucas estátuas remanescentes que chegaram até os dias de hoje. Thor aparece sentado segurando o mjollnir.



Fonte: <http://www.odinsvolk.ca/thorshammer.htm>



Davidson (2004, p. 61) comenta que, no início da introdução do cristianismo, Thor era o principal adversário de Cristo e que o deus do trovão chegara a desafiar Jesus para um combate corpo a corpo. A saga de Erik evidencia bem essa resistência ao cristianismo: “Nosso Barba Ruiva não foi melhor do que esse seu Cristo? Esta foi a recompensa pelo poema que compus em homenagem ao meu deus Thor; ele nunca me falhou” (Erik’saga, p. 60).

Thor certamente deveria ser a entidade mais adorada pelos vikings, pois, além de seu caráter protetor e guerreiro, ele estava ligado à fertilidade, já que trazia as chuvas, assim como também poderia acalmar os mares. Em resumo, era ele que controlava os fenômenos meteorológicos, tão necessários para a vida rural como era a da sociedade viking (Dumézil, 2003, p. 116).

Imagem 05: Pingentes do martelo de Thor do século VIII encontrados na Dinamarca existem pingentes como estes encontrados em todos os países nórdicos, símbolos da adoração do deus eram usados possivelmente como amuletos de proteção (Davidson, 2004, p. 67).



Fonte: <http://www.odinsvolk.ca/thorshammer.htm>



3 INFLUÊNCIA DAS REPRESENTAÇÕES ROMÂNTICAS NA IMAGEM CONTEMPORÂNEA DE THOR

Com a fixação do cristianismo no norte da Europa a imagem do deus resiste e passa a ser encontrada junto à arquitetura das igrejas e nos mais variados tipos de utensílios²³.

A partir do século XVII, artistas produzem uma grande quantidade de imagens sobre a mitologia viking. O retorno das representações mitológicas se deve à maior tolerância religiosa cristã, às ideias renascentistas e iluministas, bem como às novas descobertas arqueológicas, como evidencia Cirlot: “(...) se trata del enorme avance dela arqueologia, com grandes descubrimientos de obras de arte, de imagenes fascinantes, de idogrfias incomprensibles al principio, que estilumalan la imaginacion e impulsaban el anhelo de estiduo” (Branston, 1962, p. 13).

Outro fator que impulsionou os artistas a produzirem tais obras foram os anseios nacionalistas, fazendo com que as antigas paisagens e personagens medievais fossem resgatadas com o objetivo de se construir identidades modernas (Langer, 2009, p. 133).

No campo da escultura se destaca a imagem de Thor feita pelo escultor sueco Fogelberg, sem dúvida inspirada nas esculturas greco-romanas. Nela o deus aparece portando um machado e a semelhança com Hércules é visível, não sendo raro a estátua ser atribuída ao herói greco-romano.

²³ Na obra de Branston é apresentada várias esculturas com cenas da mitologia germânica encontradas em igrejas, como também utensílios com alusão as divindades. Ver: BRANSTON, B. **Mitologái Germánica Ilustrada**. Barcelona: Vergara Editorial, 1962.



Imagem 06: Escultura de Thor feita em 1842 pelo sueco Bengt Erland Fogelberg, apresentando a divindade seminua, portando um machado ao invés do martelo.



Fonte: <http://gusisnautar.piczo.com/esculturas?cr=2>

Outra estátua que se destaca é a do escultor dinamarquês Freund. Nela o deus é representado sentado com um ar melancólico apoiado em seu martelo segurando um raio em uma das mãos. Branston menciona a semelhança com as esculturas clássicas de Júpiter (Branston, 1962, p. 419).



Imagem 07: Escultura de Hermann Ernst Freund feita no século XIX, também representando do deus seminu.



Fonte: http://www.flickr.com/photos/ana_sudani/5181652501/

Por fim, apresentamos a estátua de Tors fiske, exposta na praça em Mariatorget, Estocolmo. A escultura mostra a celebre luta de Thor com a serpente Jormundgandr²⁴, escultura com o mesmo estilo greco-romano.

²⁴ Jormundgandr: poderoso feitiço; varinha mágica. É o nome da serpente de Midgard (Branston, sd.). Disponível em: < <http://www.alconet.com.ar/varios/mitologia/germana/diccionario.html> >.



Imagem 08: Escultura produzida em 1959 pelo sueco Gustaf Nordahl, intitulada Tors Fiske (A pesca de Thor), mostrando o momento em que o deus tira a serpente da água pronto para golpeá-la.



Fonte: <http://chrismiелost.blogspot.com/2011/04/thor-de-asgard-midgard-por-el-puente.htm>

No campo da pintura existem poucas representações de Thor com trajes típicos se comparamos com as imagens do deus com trajes oriundos do panteão greco-romano.

Dentre as obras que o retratam sem roupas da cultura clássica temos as de Frederik Sander, feitas para a edição da Edda Poética na Suécia em 1893. A primeira obra que destacamos é a da famosa pescaria feita por Thor junto com o gigante Hymir; ao contrário da cruz de Gosforth, na pintura é possível identificar o gigante muito maior que o deus do trovão enquanto ele rema o barco e a deidade aparece puxando a serpente e se preparando para desferir o golpe com seu martelo. A outra pintura mostra o deus do trovão viajando juntamente com mais três



companheiros seus; nesta obra a deidade esta guiando o carro puxado por bodes em uma mão e na outra esta empunhando seu martelo.

Imagem 09: Obras de Frederik Sander, feitas para a edição da Edda Poética na Suécia, em 1893.



Fonte: <http://www.taringa.net/posts/info/1461747/Thor.html>

Outras imagens cujas indumentárias estão bem corretas são a do pintor dinamarquês Constantin Hansen, produzidas século XIX:



Imagem 10: Thor se dirige ao país dos gigantes acompanhado de Loki, Zýalfy y Röskva.



Fonte: <http://gusisnautar.piczo.com/arteteuton?cr=2>

Imagem 11: Banquete dos deuses na casa de Aegir, Thor ao centro portando seu martelo.



Fonte: <http://gusisnautar.piczo.com/arteteuton?cr=2>

Neste mesmo contexto o artista britânico W. Collingwood faz a obra intitulada “Thor Ameaça Greybeard”, produzida para ilustrar a versão da Edda Poética em 1908, onde mostra a



divindade empunhando *mjollnir*. O aspecto melancólico do rosto do deus lembra muito a escultura de Freund.

Imagem 12: “Thor Ameaça Greybeard”, de W. Collingwood, 1908.



Fonte: http://nl.wikipedia.org/wiki/Bestand:Thor_threatens_Greybeard.jpg

Para finalizarmos, apresentamos as obras anônimas encontradas em um manuscrito islandês do século XVIII: a primeira mostra Thor empunhando seu martelo, já a outra mostra a pesca da serpente de *Midgard*.



Imagem 13: Ilustrações encontradas na Islândia no século XVIII.



Fonte: <http://nl.wikipedia.org/wiki/Thor>

Concomitantemente com as obras que buscavam resgatar elementos da cultura nórdica com certa veracidade no que diz respeito aos trajes, temos no mesmo período pintores representando Thor com trajes oriundos do panteão greco-romano. Da mesma maneira que nas esculturas, acreditamos que estes pintores deveriam ter por objetivo mostrar que a mitologia escandinava era tão importante quanto a greco-romana aproximando assim a cultura viking da clássica. Ou chamar a atenção do público para o panteão nórdico. Outra hipótese que não pode ser descartada é a de que esses artistas não tivessem embasamento suficiente para retratar as divindades com elementos próprios de sua cultura.

Insta constar que a quantidade dessas representações é relativamente grande; logo, apresentar-se-á aqui somente algumas obras. Dentre estas obras podemos destacar a do pintor alemão Werner Peiner, onde o autor representa Thor como uma espécie de Hércules ou Marte. Segundo Branston, o objetivo do artista era mostrar a supremacia ariana, já que Peiner era o pintor oficial do partido Nacional Socialista da Alemanha, cujo objetivo era resgatar elementos culturais que mostrassem o passado glorioso que o país tivera (Branston, 1962, p. 241).



Imagem 14: O Deus Thor, representado pelo artista alemão Werner Peiner feita em 1944. O deus é mostrado em sua biga, portando somente uma capa, ao invés do martelo a arma representada é uma machadinha.



Fonte: BRANSTON, B. **Mitología Germánica Ilustrada**. Barcelona: Vergana Editorial. sd, p. 241.

A pintura do sueco Marten Eskil Winge, feita no século XIX, intitulada “Thor na batalha contra os gigantes”, onde o artista representa o deus em seu carro, empunhando seu martelo contra os gigantes, talvez seja uma das pinturas mais difundidas sobre o a divindade na atualidade, sendo muito comum encontrar esta imagem em livros didáticos de história quando o tema abordado se refere aos germanos²⁵.

²⁵ Para mais informações acerca dos estereótipos vikings nos livros didáticos ver: MALTAURO, M. Â. **Falsas concepções dos vikings nos meios de comunicação e no ensino**. In: Anais da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras. União da Vitória, vol.1, nº 2, 2003, p. 86; 91.



Imagem 15: "Thor na batalha contra os gigantes", segundo Mårten Eskil Winge, 1872. O deus é representado sem umas das suas principais características, a barba e o cabelo ruivo. Observa-se ainda que embora a deidade use roupar oriundas da cultura clássica ele traz consigo uma capa de pele talvez denotando resquícios de barbárie.



Fonte: <http://www.taringa.net/posts/info/1461747/Thor.html>

Inspirado nas representações greco-romanas o artista dinamarquês Lorez Frolich produz uma série de representações de Thor baseado nas histórias das Eddas; no entanto a divindade é sempre representada nua ou seminua, imagens típicas do ideal humanista.



Imagem 16: Representação da morte de Thor, segundo Lorez Frolich, 1895. A imagem mostra o deus nu portando um machado ao invés do martelo.



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Thor>

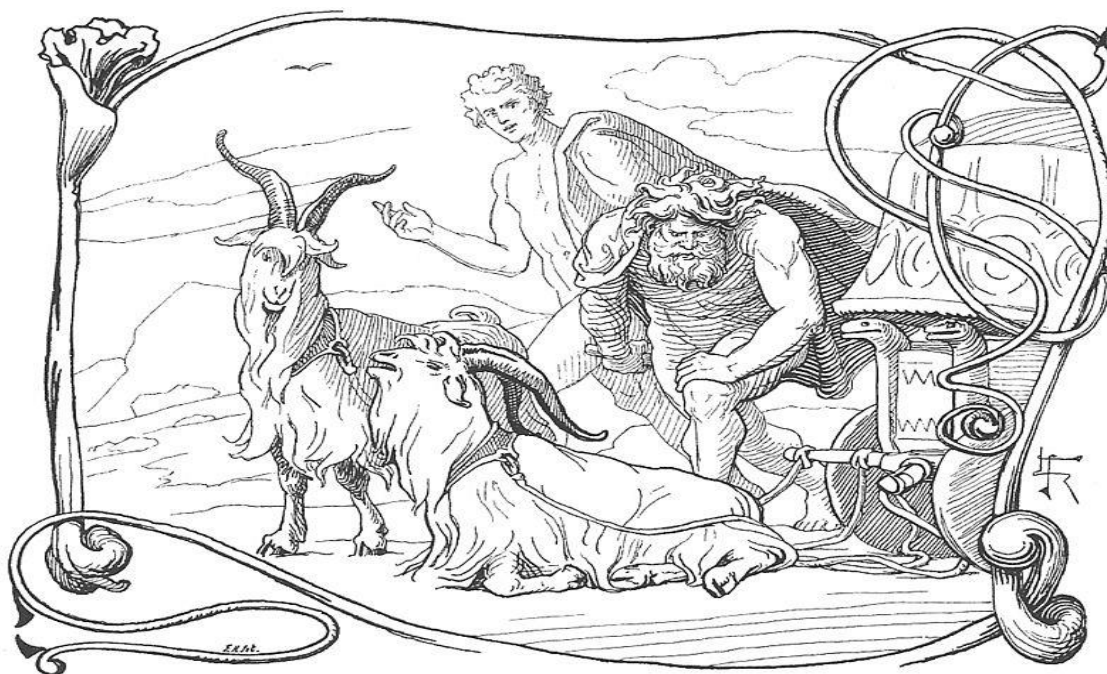
Imagem 17: Ao centro Thor com seu martelo, no fundo os Ases atravessando a ponte de arco-íris. Lorez Frolich, 1895.



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Thor>



Imagem 18: Týr²⁶ olha como Thor descobre que uma de suas cabras esta manca. Lorez Frolich, 1895.



Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/Thor>

Durante esse mesmo período começaram a surgir imagens da cultura viking totalmente estereotipadas, nas quais os nórdicos aparecem portando elmos com chifres, asas e toda espécie de adornos, sendo representados como bárbaros incivilizados²⁷. Esse terceiro tipo de caracterização foi feita em sua grande maioria por artistas de nacionalidade diversa dos escandinavos e sem um conhecimento empírico mais profundo acerca da cultura viking (Langer, 2009, p. 134). A propagação deste novo estereótipo é sem dúvida devido à ópera “O anel dos Nibelungos”. Escrita

²⁶ Týr: divindade pertencente aos Ases, segundo alguns pesquisadores seria ele o deus da guerra na época dos germanos de Tácito, porém no período viking esse status e suplantado por Odhinn, ficando a deidade responsável por presidir questões políticas e jurídicas (Lamas, 1973, p.58)

²⁷ A inspiração em representar os vikings de capacetes com adornos laterais vem das descobertas arqueológicas do século XIX, que encontraram estes tipos de elmos e imagens de guerreiros portando-os, e embora as descobertas tenham sido creditadas tanto aos celtas quanto ao período pré-viking a imagem do guerreiro com chifres foi popularizada. Destacamos como principais descobertas:

Imagens do deus celta Cernunnos que significa “o chifrudo” geralmente representado com duas enormes galhadas de cervos em sua cabeça; O caldeirão celta de Gundestrup, de 100 a. C. onde em um dos relevos aparece um homem portando um elmo com chifres; Uma placa de bronze do século VI d. C. encontrada na Suécia pré-viking, onde mostra dois guerreiros em um baile ritual, um deles porta um capacete com cornos. Outro capacete de bronze com chifres laterais foi encontrado em Londres, datado do século I d.C. Um elmo de bronze encontrado na Dinamarca da Idade do Bronze, no qual apresenta dois enormes cornos com detalhes simbólicos. Com exceção deste último capacete todos os outros achados foram considerados para fins ritualísticos utilizados possivelmente para fins religiosos principalmente devido à fragilidade destes capacetes (Langer, 2009 p. 135-136).



pelo alemão Richard Wagner em 1872, esta obra representa os deuses com elmos com asas, cornos, pássaros, dragões e roupas greco-romanas²⁸.

Essa falta de conhecimento aprofundado fez com que esses artistas acabassem misturando também aspectos oriundos da cultura celta na viking. Um bom exemplo disso é a obra feita por J. L. Lund, na qual o sacerdote que guia o povo para a realização de um sacrifício a Thor é notadamente um druida.

Imagem 19: Sacrifício para Thor, segundo Lund, século XIX. Estatua de madeira da divindade, alusão ao Relato de Bremem, no fundo vemos um guerreiro com um elmo com chifres.



Fonte: <http://pt.encydia.com/es/Thor>

Outra obra que apresenta os elmos com chifres é a de W. Collingwood na tela “Os deuses nórdicos descendo”, de 1890. A obra em especial é importante, pois mostra artistas que em um

²⁸ Para maiores informações ver: CAZNOK, Y & NETO, A. **Ouvir Wagner: egos nietzschianos**. São Paulo: Musa, 2000.



primeiro momento fizeram representações corretas a respeito da cultura viking e acabaram sendo influenciados pelas representações estereotipadas que, ao que parece, acabou se tornando moda na época.

Imagem 20: “Os deuses nórdicos descendo”, segundo William Gersham Collingwood, 1890.



Fonte: http://www.allposters.com.br/-sp/The-Northern-Gods-Descending-posters_i1591351_.htm

O falso estereótipo vai acabar se tornando referência para as imagens contemporâneas de Thor, na qual o deus será representado com o capacete com asas ou com chifres.



Imagem 21: Imagem contemporânea do deus sendo representado usando elmo com cornos.



Fonte: <http://novasrunasruins.blogspot.com/2010/03/thor.html>

4 THOR, O HERÓI DOS QUADRINHOS

Os quadrinhos surgiram por volta do século XIX em jornais; posteriormente sua produção passou para revistas próprias. Essa nova forma de expressão artístico-cultural se espalhou praticamente por todo o mundo com histórias destinadas a um público cada vez mais eclético. Se inicialmente os quadrinhos eram produzidos para um público infantil, em pouco tempo os temas abordados abrangiam todas as faixas etárias, com histórias que versavam de mitologia a ficção científica (Luyten, 1985, p. 11).

Com a criação dos “syndicates” em 1912, a indústria norte-americana passa a dominar o mercado global com a distribuição e divulgação de suas HQs em outros países, dificultando a produção de revistas nacionais devido à concorrência (Luyten, 1985, p. 29).

A partir da década de 1920, com o surgimento de Flash Gordon, as HQs iniciaram a difusão em massa de super-heróis que obtiveram enorme sucesso perante o público (Feijó, 1984, p. 88). Dez



anos depois, Martin Goodman funda a Marvel Comics; em 1941 entra para a empresa Stan Lee, criando uma série de novos super-heróis, dentre eles o Thor, o deus do trovão.

Inspirado em elementos da mitologia nórdica, Stan Lee, juntamente com Larry Lieber e Jack Kirby, escrevem a primeira história de Thor, aparecendo em 1962 na revista “Journey into Mystery” nº 83, indo para as bancas americanas em maio do mesmo ano. A revista só é publicada no Brasil em 1967 através de uma parceria entre os postos Shell, editora Ebal e TV Bandeirantes. No entanto, nas versões americanas, Thor tem uma linguagem shakespeariana, o que se perde nas traduções para o português.

No projeto de Stan Lee, Thor passa de deus nórdico para um super-herói ao mesmo estilo do Superman, criado em 1938 por Jerry Siegel (Feijó, 1984, p. 91), pois os dois mantêm uma identidade secreta na qual dificilmente se levantaria suspeita de que pudessem ser super-heróis: enquanto Superman se passa por um repórter atrapalhado, o deus do trovão é um médico franzino e manco, de personalidade pacata e frágil. Outra semelhança é que os dois vêm de outro mundo e defendem a terra de ameaças alienígenas.

A primeira edição de *O Poderoso Thor* descreve ele era como um médico americano chamado Donald Blake, que vai passar as férias na Noruega. Lá é ameaçado por alienígenas e se refugia em uma caverna não explorada. Dentro dela acaba encontrando um cajado e ao batê-lo em uma rocha ele se transforma em um martelo; e o médico, no deus do trovão. Para explicar como Thor havia se transformado em um simples mortal e como ele foi parar na terra, o roteirista descreve que o deus havia sido castigado por Odin e banido de Asgard (Ribeiro, s/d). À medida que as edições vão sendo produzidas aparecem outros seres que o deus tem que enfrentar para salvar o mundo.

Embora embasado nas Eddas e Sagas, Stan Lee muda completamente as características da deidade. Na HQ o martelo confere a Thor a capacidade de voar; seus trajes são notadamente influenciados pelos estereótipos wagnerianos, pois as roupas dos personagens não lembram em nada as da cultura viking: é uma mescla entre trajes greco-romanos e modernos. O panteão nórdico usa elmos com os mais variados ornamentos nas laterais e o capacete do deus do trovão possui



asas²⁹. Ele é loiro e não ruivo, como propõe as fontes; também não possui barba, que é uma das características mais marcantes da deidade, já que muitas Sagas e as Eddas referem-se a ele como barba-vermelha. Outros aspectos que divergem das fontes são que enquanto na mitologia o deus é transportado por sua biga puxada bodes, nos quadrinhos ele percorre os mundos voando agarrado em seu martelo.

Diferente da mitologia, nas HQs o principal inimigo de Thor é seu meio-irmão Loki, apresentado como um deus trapaceiro e mau, que deseja tomar o trono de Odin e acabar com o deus do trovão. Em quase todas as histórias dos quadrinhos há esse aspecto maniqueísta, enquanto na religião viking, por outro lado, não havia esta contraposição entre o bem e o mal. Insta constar, porém, que embora algumas características foram alteradas nas HQs, outras permaneceram, tais como as luvas de ferro e o cinturão de força.

Obviamente que o roteirista não tinha a preocupação em seguir a mitologia nórdica e sim transformar Thor em um super-herói, enquadrando o personagem a uma “Era atual” e o adaptando para um público infanto-juvenil.

Imagem 22: Capa da primeira HQ de “O Poderoso Thor”.



Disponível em: [http://i79.photobucket.com/albums/j128/ ucha/Quadrinhos/Thor-Jim83.jpg](http://i79.photobucket.com/albums/j128/ucha/Quadrinhos/Thor-Jim83.jpg)

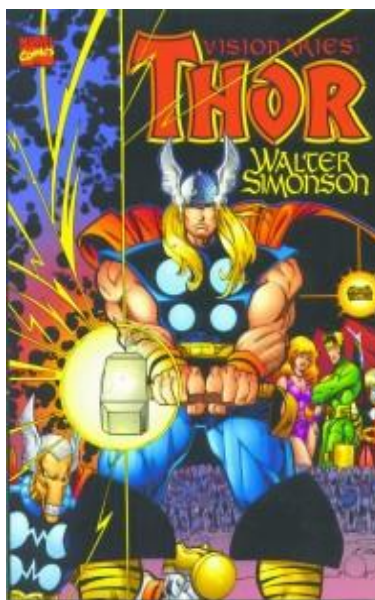
²⁹ Dentre os meios de comunicação, a Ópera de Richard Wagner, o quadrinho de Hagar, o Horrível (personagem criado por Dik Brown em 1965), e a HQ de Thor contribuíram enormemente para a divulgação do falso estereótipo viking que perdura até os dias atuais.



Em 1963, Stan Lee cria um grupo de heróis intitulados “Os Vingadores”, composto pelos seguintes heróis: Homem de Ferro, Hulk, Homem Formiga, Vespa e Thor. No primeiro episódio dessa nova série, a trama envolve Loki que atrai Hulk para destruir Thor, mas o pedido de ajuda também é escutado pelos outros heróis que resolvem então criar uma força conjunta, nascendo dessa união “Os Vingadores”. Hulk acaba sendo substituído pelo Capitão América (Os Vingadores, s/d). Com o passar da série, os protagonistas vão se alternando, aparecendo muitas vezes em histórias próprias.

Em 1983, Walter Simonson, roteirista e desenhista, entra para a revista do “Poderoso Thor”. Para muitos é com a entrada de Simonson que surgem as melhores histórias de Thor. Dentre as mudanças ocorridas no personagem podemos destacar o surgimento da barba, as asas no elmo ficam maiores e o herói fica extremamente mais musculoso. A principal novidade dessas histórias é que Odin transfere o herói para Sigurd Jalson, tirando do enredo o médico Donald Blake. Thor é transformado em sapo por Loki e consegue entender a língua dos animais; é a primeira vez em que aparece a biga e os bodes do deus, estes o ajudam a voltar a sua forma normal. Simonson para de escrever em 1987 (Mitografias, 2011).

Imagem 23: Thor por Walter Simonson, exageradamente mais forte do que o desenhado por Jack Kirby.



Disponível em: <http://www.mitografias.com.br/2011/04/29/um-pouco-sobre-o-deus-do-trovaio>.



No ano de 2004 é lançada a “Saga de Ragnarok”, escrita por Michael Avon Oeming e desenhada pelo italiano Andrea Di Vito. Esta saga se mantém fiel ao universo proposto por Stan Lee. A revista foi lançada nas edições de Thor entre os números 80 a 85 (no Brasil os episódios apareceram nos quadrinhos de “Os Novos Vingadores”, nas edições 22 a 26). O enredo da história se resume ao ataque de Loki e outros inimigos a Asgard. Loki vai atrás da forja mágica em que o martelo de Thor foi fabricado, encontra-o e faz inúmeros martelos iguais desencadeando assim o Ragnarok³⁰. Por fim, o martelo do herói se quebra e ele vem à terra pedir ajuda para os vingadores, que conseguem acabar com as forças do mal.

Imagem 24: Capa do primeiro episódio em inglês de “Saga de Ragnarok”.



Disponível em: <http://www.actionsecomics.net/2011/05/thor-deus-do-trovao-parte-vi-ragnarok.html>

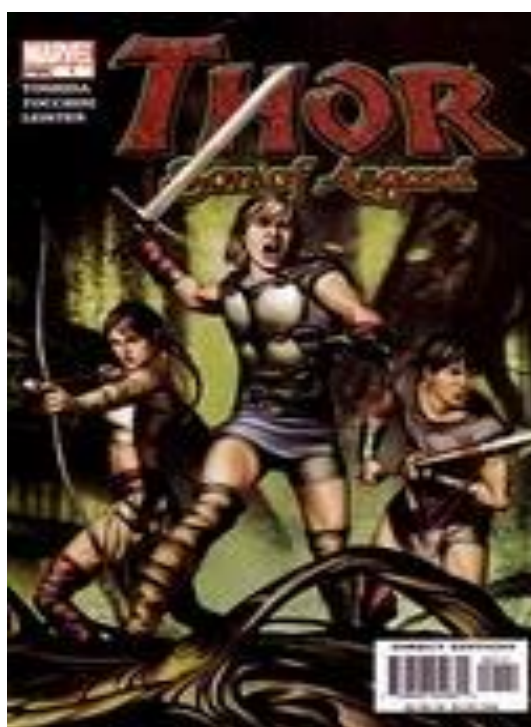
Ainda em 2004 é criada a série “Thor Son of Asgard”, que mostra a juventude do deus do trovão. Seu enredo não segue o roteiro de Stan Lee, já que o cenário se passa quase todo em Asgard.

³⁰ Em ambas as Eddas, o Ragnarok irá acontecer após três anos de inverno consecutivo. Ocorrerão inúmeras catástrofes na natureza e o lobo Fenris irá se soltar de suas correntes e a serpente de Midgard surgirá dos mares (ambos os monstros são filhos de Loki). Loki se juntará às forças do caos e juntos se confrontarão com os deuses. Dentro desse cenário escatológico só restarão duas pessoas que iniciarão um novo mundo.



As indumentárias também são diferentes em alguns aspectos. Esta série de doze volumes faz referência à obra de Wagner, “O Anel dos Nibelungos”³¹, já que entre os personagens aparece a Valquíria³² Brunhild³³. O roteiro é de Akira Yoshida e os desenhos ficaram a cargo do brasileiro Greg Tocchine.

Imagem 25: Primeiro número da série “Thor Son of Asgard”.



Disponível em: <http://www.actionsecomics.net/2011/05/thor-deus-do-trovao-parte-vi-ragnarok.html>

³¹ A obra de Richard Wagner é baseada tanto nas versões continentais europeias, das quais existem três versões anônimas – sendo a mais importante escrita por volta de 1200 d. C. e descoberta em 1755, conhecida como Nibelunglied (A Canção dos Nibelungos) –, quanto pelas versões nórdicas sendo as principais a Volsunga Saga, escrita na Islândia, e a versão contida na Edda Poética, ambas anônimas do século XIII. Wagner utilizou os nomes dos personagens da Canção dos Nibelungos, mas o restante da peça é baseada nas versões nórdicas.

³² Valquíria: Valr:mortos, kyrja: escolha em Old Iceland (Boyer, 1981, p. 142). Langer em seu livro verifica as variações do mito das Valquírias, descrevendo-as ao longo da história. Para mais informações sobre as valquírias ver: LANGER, J. **Deuses, Monstros, Heróis- ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Unb, 2009, p. 59;77.

³³ *Brunhild*, nome encontrado na Canção dos Nibelungos. Nas versões nórdicas, o homólogo é Brynhid: bryn: armadura, hildr: batalha (LANGER, 2009, p.70). Para mais informações sobre a personagem ver: MALTAURO, M. Â. A Representação da Mulher Viking na Volsunga Saga. In: **Revista Brathair** 5(1) 2005. Disponível em: < http://brathair.com/revista/numeros/05.01.2005/mulher_viking.pdf >.



Na minissérie intitulada “Loki”, da editora Marvel Comics, lançada no Brasil pela Panini em 2005 com duas edições, a trama toda ocorre em Asgard, sendo o roteiro muito mais inspirado na mitologia nórdica do que nos quadrinhos de Stan Lee. A minissérie mostra como Loki se apossa de Asgard e aprisiona os deuses. No fim Thor é libertado e repõe a ordem. Com o roteiro de Robert Rodi e a arte de Esad Ribic, a obra impressiona pela qualidade dos desenhos. Embora Thor apareça super musculoso e os trajes dos personagens sejam baseados na obra de Lee, a personalidade do herói se assemelha muito ao do deus da mitologia, principalmente quando ele entra em estado de fúria.

Imagem 26: A minissérie “Loki” impressiona principalmente pela qualidade dos desenhos.



Disponível em: <http://www.mitografias.com.br/2009/05/29/loki-miniserie/>

A série “Thor: a Era do Trovão” da Marvel, publicada no Brasil pela Panini em 2009, com roteiro de Matt Fraction e desenhos de Patrick Zircher, Khari Evans e Clay Mann, também é uma adaptação da mitologia nórdica, totalmente ambientada em Asgard, mostrando os nove mundos da mitologia. As histórias narram as lutas de Thor defendendo Asgard, enfrentando Loki e os gigantes. A Panini inseriu na série uma nova história cujo roteiro é de Roberto Kirkman e arte de Michael



Avon Oeming, que, embora faça uma boa simulação do grafismo, tem o enredo deslocado do restante da série. A respeito dos estereótipos, estes são os mesmos propostos por Lee.

Imagem 27: Em “Thor: a Era do Trovão”, Thor é representado como deus, não fazendo analogia com “Os Vingadores” ou com o médico Donald Blake.



Disponível em: <http://www.multiversodc.com/v2/2009/12/hqview-marvel-especial-15-%E2%80%93-thor-a-era-do-trova/>

A Panini, aproveitando o lançamento do filme Thor em 2011, publicou a série em quatro volumes de “Os Maiores Clássicos do Poderoso Thor”, desenvolvida por Walter Simonson, cujo objetivo é apresentar as melhores histórias do herói produzidas pelo roteirista.



Imagem 28: “Os Maiores Clássicos do Poderoso Thor”, desenvolvida por Walter Simonson.



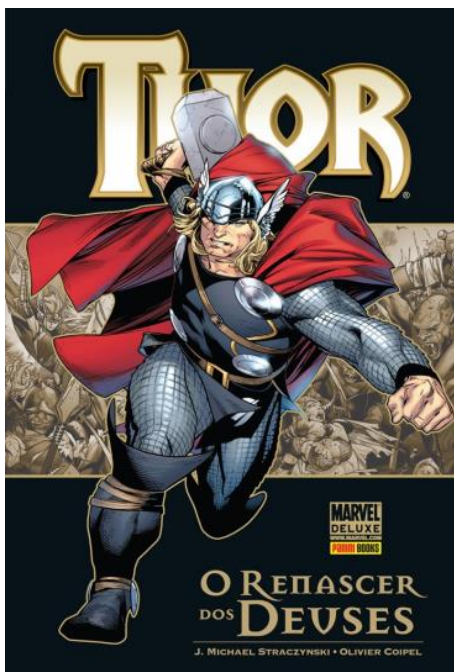
Disponível em:

http://www.guiadosquadrinhos.com/edicao.aspx?cod_tit=ma011102&esp=&cod_per=14&cod_edc=91181

Ainda aproveitando a divulgação do filme, a Panini também publicou “Thor: O Renascer dos Deuses” e “Em Nome do Pai”, produzido por J. M. Straczynski, que também foi o roteirista do filme, com desenhos de Olivier Coipel. Nesta série Thor aparece sem barba e com uma roupa metálica. Diferente dos quadrinhos de Lee, esta HQ é notadamente inspirada no filme. Nestes volumes é relatado que Thor se encontrava em uma espécie de limbo pós-Ragnarok, sendo resgatado pelo médico Donald Blake, retornando à proposta inicial de Lee, na qual o deus e um humano dividem o mesmo corpo. Os enredos desenvolvidos nestas obras descrevem Thor usando seus poderes para trazer a Cidade Dourada de volta, juntamente com os asgardianos, sendo relocada a poucos metros do deserto de Oklahoma.



Imagem 29: O filme Thor de 2011 foi inspirado nos quadrinhos; em “Thor: O Renascer dos Deuses”, ocorre o inverso, a HQ é baseada no filme.



Disponível em: <http://www.actionsecomics.net/2011/05/thor-deus-do-trovao-parte-vi-ragnarok.html>.

Servindo-se do roteiro de J. M. Straczynski, o escritor Brian Michael Bendis e o desenhista Oliver Coipel lançam em 2016, pela Panini, a obra intitulada “O Cerco”. Na trama Loki, juntamente com os Vingadores Sombrios, fazem um cerco a Asgard desencadeando um confronto sangrento com os asgardianos.

A minissérie de quatro partes intitulada “Ultimate Thor”, traz como roteirista Jonathan Hickman e desenhista Carlos Pacheco. Nesta série o ex-enfermeiro e super soldado Thorlief sofre de problemas psicológicos, acreditando ser o deus do trovão, chamado para acompanhar seu tratamento o médico Donald Blake. Ele confirma que o paciente não sofre de transtornos psíquicos, pois realmente é a deidade. Diferente de outras versões das HQs de Lee, onde Thor se esconde em identidades secretas, nessa ele não possui outra identidade. No início da história ele não tem superpoderes e acaba utilizando um colete que o fazia voar e um martelo ionizado, com um design diferente do utilizados em outras HQs, porém mais tarde recupera seus poderes divinos. A narrativa mistura Segunda Guerra Mundial, Ragnarok e uma série de outros super-heróis. Embora as vestimentas lembrem a criação de Stan Lee, elas têm um design mais futurista e Thor ainda é

representado com cabelos loiros, barba e força descomunal. Apesar da história retratar o Ragnarok, ela tem poucas representações inspiradas nas fontes mitológicas.

Em 2017, a Marvel desenvolveu mais uma série de quatro HQs sobre Thor, intituladas “O Carniceiro dos Deuses”, “Bomba Divina”, “Amaldiçoado” e “Últimos dias de Midgard”. Escritas por Jason Aron e envolvendo vários desenhistas, a trama se passa em três linhas temporais simultâneas, nas quais tanto o Thor do passado, quanto os do presente e futuro lutam para salvar os deuses e os diversos mundos.

Interessante notarmos que desde a estreia do filme “Thor” em 2011, as HQs foram influenciadas pelo universo cinematográfico; prova disso é que tanto os formatos do rosto do deus quanto os de seus antagonistas ficaram cada vez mais semelhante aos dos personagens do cinema. Da mesma forma as HQs lançadas influenciaram os filmes consecutivos.

Desde a primeira publicação em 1962, as características de Thor foram se modificando conforme o passar dos tempos, tanto no que se refere ao vestuário quanto na personalidade do personagem. Estas adaptações vêm, sem dúvida, acompanhando as tendências do público que consome estas revistas; sem estas mutações e com a invasão dos mangás no mercado atual possivelmente as histórias do herói não teriam se mantido vivas até hoje.

5 MÚSICAS AO DEUS DO TROVÃO

O surgimento da música é praticamente quase tão antigo quanto a própria humanidade. Sua utilização sempre teve propósitos variados; tanto a sonoridade quanto o ritmo musical remetem o ouvinte a diferentes sensações e possivelmente por isso ela é usada em todas as sociedades.

A primeira alusão à música e sua relação com o deus do trovão é mencionada por Tácito, que descreve como os antigos germanos cantavam para essa divindade ao se dirigirem ao combate (Tácito, cap. II). Embora o historiador não forneça muitos detalhes sobre a letra da canção, ele comenta um pouco sobre sua sonoridade: “E mais que harmonia de vozes, aquilo parece a expressão de seu valor, pois procuram sobretudo produzir um som áspero e um murmúrio entrecortado e colocam o escudo à boca para que a voz ressoe e fique mais cheia ao rechaço” (Tácito, cap. II).

Nesse primeiro momento, observa-se que a música dedicada ao deus do trovão tinha como objetivo incitar os guerreiros ao combate. Embora a letra e a sonoridade da canção não sejam



conhecidas, pode-se deduzir que ela provavelmente fazia referência a alguma batalha do deus ou exaltava sua valentia e coragem, inflamando assim os guerreiros para a luta. Outra possibilidade é que a canção tivesse o propósito de pedir a proteção da divindade no momento do confronto.

Tácito também relata que outras canções eram entoadas e que, dependendo de sua sonoridade e harmonia, poderiam prever a sorte no combate. De modo geral, a descrição que o historiador romano faz sobre a sonoridade sugere que essas músicas provavelmente produziam um som gutural.

Sabe-se que tanto o timbre quanto o ritmo do som influenciam a psique humana, fazendo com que algumas músicas promovam introspecção, enquanto outras induzem a um estado de agitação e êxtase. Esse fenômeno torna a música um elemento poderoso, tanto no contexto religioso quanto no ambiente de guerra.

A alusão feita por Tácito no que se refere a colocar o escudo na boca é similar a feita na Ynglinga Saga sobre os bersekers³⁴ antes da batalha: “(...) mordiam os próprios escudos e eram fortes como ursos ou javalis (...). Eram os ‘bersekers’ em ação” (Ynglinga Saga, 6). A saga mostra a permanência do ato na Era Viking ainda que não faça nenhuma alusão à cantoria como a descrita pelo historiador romano.

Na Era Viking, as sagas e eddas estão repletas de poemas sobre Thor, embora não se saiba ao certo se esses textos eram declamados em forma de canção. Caso tenham sido cantados, isso indicaria a existência de uma grande variedade de músicas descrevendo diferentes aspectos do deus.

Obviamente que os vikings compunham músicas sobre a divindade, todavia a única referência que evidencia com certeza nossa afirmativa vem da descrição de Adam de Bremen, que presenciou o fato no famoso templo de Upssala. Segundo Bremen: “Os cânticos geralmente usados na observação dessas celebrações são inúmeros e sem graça, de modo que é melhor não falar sobre eles” (Bremem, cap. IV). A recusa de Bremen em registrar tais canções parece estar relacionada ao fato de, como cristão, ele não querer transcrever canções de cunho pagão, justificando sua escolha ao afirmar que as músicas eram sem graça. Dado o contexto em que elas eram entoadas, tudo indica que funcionavam como uma espécie de oração dedicada ao deus.

³⁴ Bersekers: camisa de urso. Elite guerreira que usava peles de urso ou lobo (Ulfhednar), que ao vestiram estas peles entravam em um estado de êxtase quase insano (Branston, s/d).



Não há informações concretas sobre músicas relacionadas a Thor na Idade Moderna, embora seja possível acreditar que, em algumas regiões da Escandinávia, elas tenham sobrevivido. Considerando que a deidade era venerada como o deus dos camponeses durante o período medieval, é provável que algumas dessas canções tenham persistido no folclore nórdico.

Na idade contemporânea as músicas ao deus do trovão surgem com uma grande repercussão: principalmente no final da década de 1970 e início dos anos 80, bandas de heavy metal começaram a compor músicas reverenciando Thor. As primeiras bandas a se destacarem nesse cenário foram as americanas Warlord e Manowar. Devido ao enorme sucesso dessas bandas, surgiram em todo o mundo outros grupos que abordavam temáticas semelhantes, o que resultou no aparecimento de um novo subgênero do heavy metal, conhecido como "epic metal". Esse subgênero tem como foco canções que remetem a grandes batalhas e deuses do período medieval e da antiguidade.

O número de bandas atualmente é tão grande e em tantos países diferentes que se tornaria impossível descrevê-las neste trabalho. O sucesso de bandas que tem a mitologia nórdica como tema principal é tão grande que na década de 1990 surgiram dois novos subgêneros denominados "viking metal" e "folk metal". O "viking metal" geralmente tem um som muito mais pesado que o heavy tradicional e normalmente com um vocal gutural; já o folk na sua grande maioria são somente instrumentais, algumas com instrumentos de época e outras misturando estes com instrumentos modernos.

De maneira geral, as músicas sobre Thor, compostas por essas bandas, versam sobre a fúria do deus do trovão, destacando seu caráter protetor e guerreiro. Isso demonstra que a maioria desses grupos possui um conhecimento relativamente aprofundado sobre a mitologia viking, refletido em suas composições.

6 THOR NA TV E NO CINEMA

A primeira aparição de Thor na TV ocorre quatro anos após seu surgimento nos quadrinhos. Em 1966, é produzida uma série de treze desenhos animados realizada pela Grantray-Lawrence Animation (Ribeiro, s/d). As histórias do desenho animado eram basicamente uma reprodução das HQs.



Durante sua trajetória nos desenhos animados, o herói ainda apareceu em um episódio do desenho do Homem-Aranha chamado “Vengeance of Loki” em 1981; já na década de 1990, a Marvel Animation produziu vários desenhos sob o nome geral de “Marvel Action Hour” (Ribeiro, s/d).

Em 2009, a Marvel Animation, junto com a Lionsgate, produziram um curta-metragem onde Thor se confronta com Hulk: a luta ocorre após Loki enviar Hulk para Asgard na tentativa de tentar dominar o reino.

Em 1988 é lançado o filme “O retorno do incrível Hulk”, onde Thor (Eric Kraemer) aparece como coadjuvante. Embora a atuação de Thor seja inspirada nos quadrinhos existem algumas divergências com relação ao personagem da HQ. No filme o Dr. Blake (Steve Levitt) vai a Noruega para uma expedição, entra em uma caverna e encontra o túmulo de um guerreiro viking; ao abri-lo, encontra o esqueleto de Thor juntamente com o martelo e ao empunhá-lo surge o herói que explica a Blake ser um guerreiro castigado por Odhin devido a sua arrogância. Desta forma o Dr. Blake e Thor não são a mesma pessoa, sendo o médico obrigado a invocá-lo sempre que surge alguma ameaça, pois o herói só poderá voltar para Asgard após ter feito uma série de boas ações. Comparando o filme com a HQ, as únicas semelhanças entre o Thor retratado em ambos os meios são o elmo com asas, o cabelo longo (e loiro) e a ausência de barba. Em relação às vestimentas, no longa-metragem, o herói usa uma calça de couro e uma armadura ao estilo romano, com pelos nos ombros. No entanto, sua personalidade no filme diverge significativamente da apresentada na HQ. Ao contrário do personagem da HQ, que é mais ponderado e fala com erudição, o Thor do filme se assemelha ao deus da mitologia: fanfarrão, com um apetite voraz por bebida e comida, além de ter um temperamento explosivo.



Imagem 30: Filme “O Retorno do Incrível Hulk”, Thor traz poucas semelhanças com a HQ, tanto no que se refere às vestimentas quanto a respeito da personalidade. Como mostra a imagem, dentre as principais diferenças para o herói da HQ para esta versão está a ausência da capa vermelha.



Fonte: <http://omelete.uol.com.br/series-e-tv/io-retorno-do-incrive-hulki/>

No filme “Erik, o Viking”, de 1889, Thor juntamente com os outros deuses aparecem como crianças. O filme trata das aventuras de Erik na tentativa de parar o Ragnarok e, embora seja em grande parte baseado na mitologia nórdica, seu enredo corresponde a uma sátira.

Em 2009 é lançado o filme “Thor: O Martelo dos Deuses”. Nele, Thor (Zachery Bryan) é um viking que junto com seus companheiros viaja para uma misteriosa ilha onde seus habitantes são transformados pelo lobo Fenris em lobisomens cujo objetivo é proteger o martelo que havia sido roubado dos deuses. Na ilha, Thor começa a ter visões sobre o deus do trovão e onde estaria o martelo, fazendo com que ele o encontre e se lembre que, na verdade, era a divindade escandinava e, por fim, mate Fenris. O filme é unicamente baseado na mitologia nórdica e, embora traga alguns anacronismos (tal como o corte de cabelo ao estilo moicano do protagonista e mulheres guerreiras), pode-se dizer que a respeito dos outros estereótipos o restante da obra está bem correta historicamente.



Imagem 31: No filme “Thor: O Martelo dos Deuses”, o principal anacronismo fica por conta do corte de cabelo ao estilo moicano do deus do trovão.



Fonte: <http://www.cinedica.com.br/Filme-Thor---O-Martelo-dos-Deuses-9772.php>.

Ainda em 2009, o canal *History Channel* apresentou um documentário intitulado “Thor: O Confronto dos Deuses”, onde mostrou as principais narrativas sobre a deidade. Embora o documentário tenha sido assessorado por uma equipe de pesquisadores, o deus apresentado foi visivelmente inspirado na pintura de Marten Eskil Winge, trazendo assim uma série de falsos estereótipos, dentre eles estão às vestes no estilo Greco-romanas, a falta da barba e o cabelo loiro, tendo assim pouca semelhança com o deus da cultura viking.

Imagem 32: “Thor: O Confronto dos Deuses” – o personagem foi inspirado na pintura de Mårten Eskil Winge, artista do século XIX.



Fonte: <http://tnttorrent.info/torrent/3fd941c7d148da6e02f466704d4ecfdbf840f0d3.html>.



Com o anúncio do longa-metragem de Thor, da Marvel, nos cinemas, é apresentado no primeiro semestre de 2011 no canal Syfy o filme “Almighty Thor”. Baseado vagamente na mitologia nórdica e com uma leve inspiração nas HQs, este possivelmente é a pior película sobre a divindade. Nesta obra Loki (Richard Greco) aparece como um demônio que tenta obter o martelo da invencibilidade para assim iniciar o Ragnarok. Desta forma o demônio vai a Asgard mata Odhinn (Kevin Nash) e destrói o reino. No filme as deidades não são deuses, mas alienígenas e antes de Loki destruir Asgard, Thor (Deal Cody) foge com a ajuda de uma Valquíria para a Terra; porém é perseguido pelo demônio que obtém o martelo e envia Thor para o inferno onde o herói forja outra arma, matando Loki e evitando o apocalipse. No que se refere à personalidade de Thor, ele não possui nenhuma habilidade marcial, embora tenha o temperamento explosivo; esta mistura faz com herói tenha uma imbecilidade única. Já sobre sua aparência, ele é loiro de cabelo curto e sem barba; a respeito das vestimentas, estas são totalmente anacrônicas.

Imagem 33: Imagem do filme “Almighty Thor”, na qual o herói foge para terra – dentre os inúmeros anacronismos apresentados, o que mais se evidencia são as roupas: colete ao estilo romano, saia de pele remendada com couro, capa que mais parece um cobertor e botas que lembram pantufas.



Fonte: <http://omelete.uol.com.br/dvd-blu-ray/almighty-thor-veja-o-trailer-da-versao-trash-da-asylum/>

O filme “Thor”, da Marvel, estreou em 2011 nos cinemas apresentando uma história praticamente toda inspirada nas HQs. A história se desenrola quando Thor (Chris Hemsworth) está prestes a ser o novo rei de Asgard, porém sua coroação não é efetivada devido a invasão de trolls



que tentam roubar Mjolnir; para se vingar o herói quebra o acordo de paz e inicia uma guerra contra os gigantes e, por ter desobedecido as ordens de Odhinn (Anthony Hopkins), o deus do trovão é banido para Terra enquanto seu meio irmão Loki conspira objetivando assumir o reino de Asgard. Todavia, acaba sendo impedido por Thor. Embora a história do filme seja uma adaptação dos quadrinhos, as vestimentas são totalmente remodeladas dando um aspecto futurista aos personagens; a respeito da aparência e da personalidade do deus do trovão, também ocorrem algumas alterações com relação aos quadrinhos, pois a divindade aparece com barba, não possui seu cinturão de força e é extremamente arrogante.

Imagem 34: Imagem do filme “Thor” da Marvel, embora tenha sido inspirado na obra de Stan Lee, o visual dos personagens é remodelado lembrando pouco o da HQ.



Fonte: <http://cinema.uol.com.br/filmes/thor-2011.jhtm>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O deus do trovão, desde seu surgimento, sempre teve grande notoriedade na mitologia e religião. A partir da análise representológica realizada foi possível depreender, dentro de uma dinâmica representacional, que alguns atributos da divindade foram se alterando com o passar do tempo. A “biografia” da representação do Thor pode ser observada à luz da representologia,

evidenciando uma dinâmica da sua vida representacional que pode ser organizada em fases para melhor visualização do objeto.

Se para os antigos germanos ele foi a deidade principal, como apontam alguns pesquisadores, na Era Viking este predicado passa a Odin, ao menos no que se refere à Escandinávia no geral ou pelo que as fontes nos revelam. Insta constar, porém, que é difícil afirmar com certeza tal suposição já que dependendo da região possivelmente algumas divindades tinham mais importância que outras. Contudo, sabe-se que Thor manteve-se entre as principais divindades do panteão nórdico, como aponta Dumézil (2003, p. 107) e é atestado por Bremen, ao descrever que no templo de Upsala a estátua do deus era a central. Deste modo, podemos afirmar que se a deidade perde o posto de principal deus na religião nórdica, ele certamente permanece como a mais popular.

Com a ascensão do cristianismo no norte da Europa, o culto a Thor se tornou a maior resistência à nova religião. Vale mencionar, porém, que, mesmo com o fim do paganismo, a divindade resistiu no imaginário popular.

Com o romantismo, Thor volta a ser lembrado com grande evidência pelos artistas do período e embora parte destes se esforçassem em tentar reproduzir com certa fidelidade a divindade, o que se perpetuou foram os novos estereótipos e características.

Hodiernamente as aventuras de Thor voltam a ganhar vida em HQs, TV e cinema, muito mais como herói do que deus. Se na antiguidade tardia e período medieval Thor era venerado por seu caráter protetor e como modelo de guerreiro, ao se transformar em super-herói contemporâneo a indústria cultural o imbuiu de novos valores o transformando em um modelo para crianças e jovens, repassando assim valores e estéticas próprias da cultura dominante. Nesse diapasão, a identificação do inimigo se torna tudo aquilo que não está de acordo com a ordem dos sistemas estabelecidos.

Thor ao longo de sua trajetória foi reformulado e ganhou novas roupagens, sendo reinventado com o passar do tempo para se adaptar a um novo público e período. O velho mito de Thor passa a ser editado com formas modernas, distanciando assim de suas origens. Como pudemos observar nos séculos XX e XXI, ele perde suas características: já não possui mais barba e cabelos vermelhos, e sim loiros; muitas vezes sem barba, tem o corpo cada vez mais anabolizado; ao invés de ser conduzido por uma biga puxada por bodes, ele voa graças aos poderes de seu martelo. As tramas ocorridas em algumas de suas histórias mostram o herói com problemas típicos do cotidiano



juvenil, tal como ser castigado pelos pais ou referente a conflitos amorosos. Certamente que para Thor sobreviver nos dias atuais seriam necessárias algumas adaptações com relação ao mito original, porém não deveriam ser feitas deturpações e adaptações extremadas. Afinal, “a arte deve ter liberdade criativa, estética e estrutural, mas não pode nunca desrespeitar os códigos sociais no momento em que busca a adaptação literária, mitológica ou plástica” (Langer, 2006, p. 53).

REFERÊNCIAS

Fontes Primárias:

BREMEN, A. de. Orkenyinga Saga. In: **Gesta Hammaburgensis ecclesiae pontificum**. Alemanha, séc. XII d.C. Disponível em: < <http://www.northvegr.org/lore/orkney> >. Acesso em: 05 de março de 2020.

EDDA POÉTICA, Anônimo. Islândia, séc XIII d.C. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

SAGA DE ERIK. São Paulo: Paulicéia, 1992.

STURLUSON, S. **Edda em Prosa**. Islândia, séc. XIII d.C. Rio de Janeiro: Numen, 1993.

_____. **Ynglinga Saga**, século XIII. Tradução para o inglês Samuel Laing. Disponível em: < <http://omac1.org/Heimskringla/> >.

TÁCITO, **Germânia** (98 d.C.). Disponível em: < www.ricardocosta.com/germani.htm >.

VÖLSUNGA SAGA. Anônimo. Islândia, séc. XIII d.C. Madrid: Gredos, 1998.

Bibliografia:

BRANSTON, B. **Mitologia germânica ilustrada**. Barcelona: Vergara Editorial, 1960.

_____. **Diccionario Mitologico**: Mitología Germánica. Disponível em: < <http://www.alconet.com.ar/varios/mitologia/germana/diccionario.html> >.

BERNARDEZ, E. **Textos Mitológicos de Las Eddas**. Madrid: Miraguano Ediciones, 2ª Ed. 1998.

BOYER, R. **Yggdrasill**: La religion des anciens scandinaves. Paris: Payot, 1981.

CAZNOK, Y & NETO, A. **Ouvir Wagner**: egos nietzschianos. São Paulo: Musa, 2000.



- DAVIDSON, H. R. E. **Deuses e Mitos do Norte da Europa**. São Paulo: Madras, 2004.
- DUMÉZIL, G. **Los Dioses de los Germanos**. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 3ª Ed, 2001.
- _____. **El Destino del Guerrero**. Buenos Aires: Editora Siglo XXI, 3ª Ed, 2003.
- ELIADE, M. & COULIANO, I. Religião dos germanos; Religião dos Indo-Europeus. In: **Dicionário das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FEIJÓ, M. C. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GRAHAM-CAMPBELL, J. **Os viquingues: origens da cultura escandinava**. Madrid: Edições Del Padro, 1997, vol. 1.
- LAMAS, M. **Mitologia Geral: o mundo dos deuses e dos heróis**. Lisboa: Estampa, 1973, vol. IV.
- LANGER, J. **Deuses, Monstros, Heróis - ensaios de mitologia e religião viking**. Brasília: Unb, 2009.
- _____. **As representações do deus Thor nas HQs**. Resenha de YOSHIDA, Akira et alli. Thor: filho de Asgard. São Paulo: Panini Comics, 2005. Edição encadernada, volume 1-12. Disponível em: < <http://www.brathair.com/revista/numeros/06.01.2006/thor.pdf> >. Acesso em: 12 de março de 2020.
- _____. **O mito do dragão na Escandinávia (primeira parte período pré-viking)**. Brathair 3 (1), 2003 a: 42; 64. Disponível em: < <http://www.brathair.yb.net> >. Acesso em: 10 de março de 2020.
- LERATE, L. **Presentación**. In: Edda Mayor. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
- LIMA, M.M. **Textos da Mitologia Nórdica: Edda em Prosa**. Rio de Janeiro: Numen, 1993.
- LOPES, Ricardo Cortez. **Repræsentologia: fundamentos da ciência das representações**. São Paulo: UICLAP, 2024.
- LOPES, Ricardo Cortez. O queijo e os ratos: estudo das representações por meio de processos de efervescência. In: **Revista de Letras Norte@mentos**, Estudos Linguísticos, Sinop, v. 16, n. 45, p.184-200, jul./dez. 2023.
- LUYTEN, S. (Org.) **História em Quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.
- MALTAURO, M. Â. A Representação da Mulher Viking na Volsunga Saga. In: **Revista Brathair**, 5(1), 2005. Disponível em: < http://brathair.com/revista/numeros/05.01.2005/mulher_viking.pdf >. Acesso em: 21 de março de 2020.



_____. Falsas concepções dos vikings nos meios de comunicação e no ensino. *In: Anais da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras*, União da Vitória, vol.1, n. 2, 2002.

_____. Os Vikings descobrem o novo mundo. *In: Anais da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras*, União da Vitória, vol.1, n. 3, 2004.

MITOGRAFIAS. **Um pouco sobre o deus do trovão.** Disponível em: <
<http://www.mitografias.com.br/2011/04/29/um-pouco-sobre-o-deus-do-trovaio>>. Acesso em: 25 de março de 2020.

OS VINGADORES. Disponível em: <
http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=62&nome=Vingadores>. Acesso em: 25 de março de 2020.

RIBEIRO, A. L. **Thor.** Disponível em: <
http://www.guiadosquadrinhos.com/personbio.aspx?cod_per=14>. Acesso em: 27 de março de 2020.

SILVA, Renis Ramos; Weschenfelder, Gelson. Thor, Quadrinhos e o Ensino da Beleza e a Justiça de Platão. *In: História em Revista*, Pelotas, p. 36-48, v. 28/1, dez., 2022.

Recebido em: 03/09/2024 | Aprovado em: 08/09/2024